

## MOVIMENTO CHARME EM PELOTAS: CORPOS NEGROS, MUSICALIDADE E DIREITO À CIDADE

ADRIANA DE SOUZA GOMES<sup>1</sup>; MARI CRISTINA DE FREITAS FAGUNDES<sup>2</sup>;  
MARCUS VINICIUS SPOLLE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – adrianasecretariado@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – maricris.ff@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – sociomarcus@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere nas problematizações sobre musicalidade negra, tendo como foco o movimento Charme, expressão da *black music*, na cidade de Pelotas/RS. O termo *black music* faz referência a gêneros musicais produzidos nos Estados Unidos da América (EUA), representado por cantores negros a partir da década de 70 até os dias atuais, entre eles o *funk*, *rhythm and blues* (R&B), o *hip hop* e a *soul music*, os quais transitam entre diferentes gerações (Martins, 2004).

A partir de uma pesquisa desenvolvida no mestrado e em continuidade no doutorado, a discussão que permeia esse texto diz respeito ao direito à cidade e o movimento Charme. Nesse sentido, comprehende-se o direito à cidade não apenas como acesso a infraestrutura e serviços, mas como a possibilidade concreta de produzir, habitar e ressignificar os espaços urbanos a partir das vivências dos sujeitos que os compõem (Pereira, 2019). O Movimento Charme insere-se como expressão de uma juventude negra que reivindica espaço, visibilidade e reconhecimento em uma sociedade marcada pelo racismo (Gomes, 2022). No contexto urbano, essas práticas se tornam ainda mais relevantes quando articuladas ao debate sobre o direito à cidade, a partir de alguns marcadores sociais da diferença, como raça, classe e território, os quais se interseccionam na e para a reivindicação da pertença e ocupação do espaço público.

A partir dessas problematizações, as lentes da interseccionalidade, especialmente a partir dos aportes de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), apresentam-se como fundamentais para compreender as dinâmicas de opressão e privilégio que estruturam as formas de acesso, permanência e pertencimento aos espaços urbanos. Nesse sentido, a pergunta disparadora questionou quais as estratégias de resistência desenvolvidas pelos frequentadores e organizadores do movimento em Pelotas na e para a ocupação do espaço público e fortalecimento das identidades negras neste território. Objetivou-se abordar as construções dessas identidades a partir de elementos presentes nas cenas da *black music* pelotense entre os anos 2016 e 2018, destacando como os atores sociais experienciavam o direito à cidade na realização dos eventos – especialmente no centro da cidade – envolvendo essa expressão da musicalidade negra.

### 2. METODOLOGIA

Quanto à delimitação da natureza e dos objetivos deste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória (Michel, 2009). Esse tipo de estudo proporciona maior familiaridade com o problema sociológico, possibilitando, assim, a melhor compreensão da realidade dos atores envolvidos, nesse caso os

charmeiros de Pelotas. A construção teórica, fundamentou-se, por meio de pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses, vídeos e websites.

Quanto à forma de coleta dos dados, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada (Gomes, 2022). A primeira parte do roteiro buscou caracterizar os entrevistados, idade, sexo, escolaridade, profissão. A segunda parte a autora abordou o envolvimento de suas memórias com a *black music*, seus significados, a relação familiar ou geracionalidade envolvendo a musicalidade negra e os espaços de socialização e festas, a participação em movimentos negros ou outros grupos políticos. Assim, buscou-se compreender como essas pessoas perceberam o cerceamento ao uso do Mercado Público como espaço de socialização envolvendo o Charme. Dessa forma, buscou-se, ao final da entrevista, verificar como os entrevistados interpretavam a atuação do poder público em relação ao tema do estudo e como os charmeiros se mantêm ativos ao longo destes anos.

O universo do estudo foi composto pelos charmeiros, simpatizantes, produtores de eventos e poder público. A escolha teve como base a trajetória de vida da pesquisadora que, desde o nascimento até os dias atuais, prestigia os espaços de *black music*, também por ter frequentado a “Charmeira no mercado”: o *happy hour* “Sexta Black”. Para definir o recorte amostral, optou-se por utilizar o método bola de neve ou *snowball sampling* (Malhotra, 2005). O diferencial desse método está na formação da amostra, construída ao longo do processo e não previamente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo buscou-se compreender as construções de identidade a partir de elementos presentes nas cenas da *black music* pelotense, destacando como os atores sociais experienciavam o direito à cidade na realização dos eventos envolvendo essa expressão da musicalidade negra.

A presença do Movimento Charme no centro da cidade de Pelotas revela não apenas uma manifestação cultural, mas uma prática social de habitar carregada de significados identitários e políticos de pertencimento e direito à cidade. As cenas e elementos (ritmos, danças, estéticas e memórias) presentes nas festas de charme articulam-se formando sociabilidades negras intergeracionais que resgatam histórias, fortalecem vínculos comunitários e desafiam as imposições simbólicas e materiais que atravessam os corpos negros e seu direito ao espaço urbano.

A construção estética da identidade negra também é um elemento central dessas festas. O vestir-se para a “charmeira” expressa escolhas que não seguem a estética de massa, mas dialogam com referências de negritude e ancestralidade. Considera-se que o vestir para os frequentadores do Charme se assemelha às reflexões de Luciana Oliveira (2018) ao ressaltar a relação do indivíduo com a moda quando os sujeitos passam a elaborar sua indumentária como uma forma deliberada de diferenciar a juventude *black*.

Outros elementos presentes nos eventos como forma de ressignificar o direito à cidade é a obra estética. É possível observar que os jovens demonstram a partir das suas vestimentas e de seu estilo, o orgulho de representar a negritude nesses espaços. Também se percebe que na elaboração das identidades, os cabelos são pontos altos, descritos como o espetáculo da cena, em razão da diversidade de formas de uso, os quais compreendem cortes de cabelos com detalhes feito à máquina, cabelos *black power*, cabelos coloridos, cabelos crespos soltos, cabelos

presos para cima em formato abacaxi, tranças, dreads, enfim, infinitas possibilidades de uso. No conjunto dessa obra estética, isso fortalece e permite ao corpo negro existir a partir da expressão das diferentes formas de produzir cultura, habitar espaços e dar visibilidade aos seus corpos no reconhecimento de pertença e ocupação dos espaços.

Além da música e da dança, a *Sexta Black* tornou-se espaço de encontros, diálogos e (re)construção de pertencimentos. Reunir-se em um espaço público central da cidade, majoritariamente composto por pessoas negras embaladas por uma trilha sonora afro-diaspórica, produz uma atmosfera carregada de sentidos afetivos. As vivencias dos sujeitos nos locais do evento possibilitou consolidar o direito a cidade, onde a permanência era repleta de significados que correspondiam a forma de organização da vida, onde as pessoas eram majoritariamente negras, embalando seus corpos ao som da *black music*

Ao longo da pesquisa, foi possível identificar como o Movimento Charme possibilita ressignificar o direito a cidade, evidenciando a circulação expressiva de corpos negros em um espaço socialmente valorizado, o que desencadeou tensões raciais historicamente presentes na configuração da cidade de Pelotas. Nessa perspectiva, cabe destacar que a musicalidade negra afro-diaspórica permite habitar, afirmando-se como um instrumento de resistência cultural (Gilroy, 2001; Abreu, 2015)

#### 4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, buscou-se refletir sobre o Movimento Charme em Pelotas/RS como expressão da musicalidade negra afro-diaspórica e como prática de resistência que articula dimensões estéticas, afetivas, políticas e territoriais. Objetivou-se compreender as elaborações de identidade a partir de elementos presentes nas cenas da *black music* pelotense, destacando como os atores sociais experenciavam o direito à cidade na realização dos eventos envolvendo essa expressão da musicalidade negra, com base em uma perspectiva interseccional.

Com base nos dados coletados, foi possível identificar que o Movimento Charme em Pelotas não é apenas uma reprodução estética da *black music* norte-americana. Ele representa um espaço de recriação coletiva, marcado por disputas territoriais, fortalecimento de vínculos e reelaboração da identidade negra no sul do Brasil. Trata-se de uma experiência que problematiza a cidade, mesmo que de forma intermitente, deslocando seus sentidos, questionando hierarquias e produzindo outras centralidades possíveis.

Concluiu-se que o Movimento Charme em Pelotas é, portanto, muito mais do que uma cena musical, pois trata-se de uma experiência que interpela os projetos urbanos excludentes, tensiona as políticas culturais institucionalizadas e aponta caminhos possíveis para a construção de uma cidade mais justa, plural e com caminhos para a luta antirracista. É um gesto político de afirmação da vida negra em um território historicamente marcado pela exclusão. A partir dele, torna-se possível compreender como a cultura, a arte e o corpo são usados como ferramentas para reivindicar direitos, elaborar narrativas próprias e criar novos mapas de pertencimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. **O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição**. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2015.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GILROY, P. **O Atlântico Negro**. São Paulo: editora 34, 2001.
- MALHOTRA, N. K. et al. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, L. X. de. **A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- GOMES, A. de S. **Identidade e Resistência na Cultura Negra através dos tempos: O Movimento Charme (Black Music) em Pelotas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas.
- MARTINS, C. H. dos S. **O Charme: Território Urbano Popular de Elaboração de Identidades Juvenis**. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense.
- PEREIRA, G. L. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. 2021. 306 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.